

O DEPOIMENTO DE UM CUSTODIADO E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ÂMBITO ESCOLAR PRISIONAL

THE STATEMENT OF A PERSON IN CUSTODY AND HIS SOCIAL REPRESENTATIONS IN THE PRISON SCHOOL SCOPE

Maruza Brasil Boone¹
Micheline Mattedi Tomazi²

RESUMO: O artigo coloca em evidência como é construída a representação social (RS) de um custodiado que cumpre pena por ordenamento jurídico. De forma mais específica propomos analisar o seu depoimento para verificar como ele representa a si mesmo, a sociedade e o ensino dentro da prisão. A partir do discurso desse ator social, acreditamos que podemos entender a construção de sua RS, além de refletirmos sobre os seus modelos mentais e as representações genéricas que, embora estejam na voz de um indivíduo, podem evidenciar o grupo do qual ele faz parte. Para isso, valemo-nos dos parâmetros teóricos de Análise Crítica do Discurso (ACD), de van Dijk, bem como dos aspectos metodológicos dessa teoria. O resultado da análise discursiva demonstrou que o ambiente escolar pode possibilitar ao custodiado nova perspectiva de vida, o que englobaria trabalho, família, convívio social; não obstante a consciência de segregações e preconceitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social. Custodiado. Penitenciária.

ABSTRACT: The article puts into evidence how it is constituted the social representation (SR) from a custodian who is under a sentence for legal order. To be more clear, it proposes to analyze his testimony to verify how he represents himself, the society and the educational process in the prison system. From this social actor's statements, we believe be possible to understand the construction of the social representation, as well as to reflect on his mental models and generic representations that although picked up from the voice of an individual, they express the view of the group within he is inserted. In this regard, we use theoretical background based in sociocognitive approach of the Critical Discourse Analysis (CDA) according to Van Dijk, as well as the methodological aspects of this theory. The result of the discursive analysis allow that school environment favors indeed the custodian a new perspective of life, what includes...: jobs, family and social life, in spite of the conscience of segregations and prejudice of society.

KEYWORDS: Social Representation. Custodian. Penitentiary.

Considerações iniciais

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pelo programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: maruzabrazil2@hotmail.com.

² Professora Doutora do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: michelinetomazi@gmail.com

A linguagem é percebida como função atuante nas interações sociais, pois “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1976, p. 286). Nossos discursos não são “neutros” (VAN DIK, 2015, p.15), eles se constituem por atravessamentos de outros discursos, que, por sua vez, apontam para valores, crenças, opiniões, culturas, ou seja, mostram como determinado grupo se representa socialmente.

Quando desenvolvi atuações profissionais dentro de uma escola, em uma unidade prisional, chamou-me a atenção como o modo de falar figura na vida de custodiados³. Atuei diretamente com esse público em uma penitenciária, na função de professora no ensino de Jovens e Adultos (EJA) por três anos e, essa convivência permitiu-me algumas observações no campo da linguagem as quais impulsionaram a produção deste artigo. Interessou-me saber como essas interações podem ser percebidas em um evento discursivo em que o indivíduo se encontre privado de liberdade.

Para realizar tal propósito, foi realizada uma entrevista com um custodiado dentro da escola de um determinado centro de custódia, o qual concedeu um depoimento⁴. O artigo visa, portanto, analisar esse depoimento, com o objetivo de mostrar como é construída a representação social de custodiados, em ambiente escolar específico. O estudo se constitui, primordialmente, dentro da dimensão qualitativa com fundamentos voltados para o campo da investigação social, com seres humanos. Por isso, foi necessária uma série de anuências para realização da coleta do *corpus*. Primeiramente, foi feito o cadastro na Plataforma Brasil, que é um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal com fim de sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolva pessoas nos comitês de Ética em todo o país, o CEP. Posteriormente, em virtude de a pesquisa ter como *locus* para coleta de dados uma unidade prisional, também foi necessária a autorização da Secretaria de Justiça (SEJUS). Finalizados esses procedimentos, foi iniciada a coleta do material⁵.

³ Nesta breve apresentação do artigo utilizo o verbo na primeira pessoa do singular, porque uso o gênero discursivo relato para mostrar o que motivou este artigo; no entanto, a partir do sétimo parágrafo será usado o plural de modéstia *nós*.

⁴ Por questões éticas e de anonimato não revelamos o nome do presídio em que ocorreu a coleta do material para estudo.

⁵ Os detalhes desses procedimentos encontram-se registrados em uma pesquisa maior cujo título é “A representação social nos discursos de custodiados em depoimentos”. (Dissertação de mestrado defendida em 15/03/2018 pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)).

A escolha do *corpus*, justifica-se pelo caráter qualitativo do evento reportado quanto ao teor desse discurso de minorias. O depoimento concedido pelo custodiado foi submetido aos parâmetros teóricos, assim como pelos procedimentos de análises propostas pela Análise Crítica do Discurso (ACD). Nessa perspectiva de estudo, van Dijk (2015) verificou a reprodução de preconceitos e práticas racistas em construções discursivas disseminadas por elites simbólicas, representadas por grupos “tais como políticos, jornalistas [...] donos de impérios da mídia”. Um exemplo de práticas preconceituosas seria a associação que os governos fazem com “o aumento da imigração com o crescimento da delinquência”, no intuito de restringir a imigração, manipulando a opinião pública para que veja essas pessoas de modo negativo. Assim, fica evidente que as elites simbólicas podem desempenhar influências na opinião pública contra grupos mais fragilizados, o que esse autor chama de “abuso de poder” (VAN DIJK, 2015, p.17; 20; 23; 246).

Pesquisas como essas são relevantes, pois seus dados teóricos contribuem para nossas reflexões, visto que nossa atenção está focada no discurso de uma minoria social, indivíduos sob custódia. Com efeito, neste estudo, daremos voz a um ator social que se encontra sob custódia e, acreditamos que as suas falas, as estruturas e estratégias utilizadas nas suas construções discursivas tendam a construir uma imagem positiva de si, na tentativa de amenizar a visão negativa que a sociedade possui desse grupo⁶. Para análise, parte-se do pressuposto de que indivíduos que frequentam a escola dentro de um âmbito prisional, relacionam determinadas formas linguísticas no intuito de um gerenciamento geral da imagem do grupo ao qual pertence. Assim, a RS construída pelo custodiado legitima uma visão adquirida em virtude de frequentar a escola na prisão.

Com base nesse parâmetro, foi-nos possível gerar alguns questionamentos a serem observados no depoimento, a saber: como o custodiado se representa socialmente perante a sociedade? Como o custodiado avalia a visão da sociedade em relação a ele? E, ainda, o que o custodiado acha dos estudos dentro das unidades prisionais. Com o propósito de aproximar o depoimento às questões citadas, o artigo encontra-se dividido em três seções. Na primeira, além das considerações iniciais, abordamos nosso aparato teórico alicerçado na Análise Crítica do Discurso (ACD) como instrumento para análise

⁶ A noção de ator social proposta por van Dijk (2015, p.15), relaciona-se a grupos, ou seja, um indivíduo não pertence a apenas um ambiente “são muitos os papéis sociais e comunicativos e o pertencimento a grupos”.

da representação social no depoimento do custodiado. Na sequência, especificamos o contexto sociocognitivo do depoimento em questão. Finalmente, tecemos algumas reflexões sobre o depoimento, buscando a representação social do custodiado na perspectiva dos questionamentos supracitados.

O modelo de contexto e a abordagem sociocognitiva da análise crítica do discurso: como se constrói a representação social

Van Dijk (2012a; p.7) defende uma perspectiva de discurso em que são privilegiadas suas “condições sociais” e propõe uma abordagem sociocognitiva de contexto. Ele afirma não haver relação direta entre o discurso e a sociedade, visto que os processos que envolvem o discurso, necessariamente, passam pela interface cognitiva, ou seja, nosso intelecto.

Na abordagem teórica defendida por esse autor há uma ligação intrínseca entre “discurso, sociedade e cognição”, que formam uma tríade. Assim, esse linguista postula como discurso qualquer evento comunicativo e, é crucial levar em conta que a dimensão cognitiva interfere de modo direto entre o discurso e a sociedade, ou seja, sua tese principal “consiste no fato de que as relações entre discurso e sociedade são cognitivamente mediadas”. Nas palavras desse autor, para que haja interpretação de um discurso é fundamental que consideremos os aspectos relacionados à cognição, pois “tais representações mentais afetam os processos envolvidos na produção e interpretação do discurso, apontando que, “os usuários da língua não só agem, mas também pensam quando falam” (VAN DIJK, 2016, p. 9) e, por consequência, também projetam imagens. Sendo assim, é possível observarmos uma dinâmica em nossa mente ao se articular um discurso.

Convém notar dois âmbitos distintos, um voltado para a estrutura social e outro para o discurso, mas ambos tendo a cognição como centro dessa mediação e, é nela que se encontram as ideologias que estão ligadas às “ideias, pensamentos, crenças, apreciações e valores”, o que nos leva a crer que elas possuem dimensões que envolvem a cognição social e são compreendidas por van Dijk (2015) como “representações sociais” (VAN DIJK, 2015, p. 246; 1997, p.107).

Para van Dijk (2016, p.114), o eu-mesmo representa o participante principal de determinado evento comunicativo, uma vez que o Eu representa “o modo como o Eu represento o que é meu entorno no momento, a situação em que o Eu estou pensando, agindo, falando, escrevendo, ouvindo ou lendo neste momento” (VAN DIJK, 2012a, p. 114). Os elementos dêiticos, que são expressões “tais como eu, nós, você, aqui, hoje etc” (VAN DIJK, 2012b, p.115) podem identificar o eu-mesmo. Em nosso caso, distinguimos o custodiado como objeto discursivo de estudo e ele representa o eu-mesmo do evento comunicativo, pelo fato de ser a voz validada em nossa análise. Assim, o custodiado consiste em um participante de um grupo social e mostra suas representações sociais.

É importante esclarecer que a RS não nasce na linguística, mas esse autor retoma seu conceito e acrescenta uma noção a mais às representações sociais que é o caráter cognitivo, ou seja, o modelo mental, pois ele vê o discurso como sendo capaz de controlar essas representações compartilhadas, logo, influenciará diretamente a cognição social no que diz respeito às crenças, valores e até preconceitos⁷. Assim, as representações sociais são uma alternativa viável para se descrever e explicar fenômenos sociais, pois espelham pensamentos e comportamentos corriqueiros a um grupo de indivíduos e se vale de várias estratégias para mostrar uma identidade e papéis representados socialmente.

Ainda, para van Dijk (2012b) a ideologia possui suas bases firmadas na Psicologia e nas concepções sociocognitivas, sendo “a base das representações sociais compartilhadas por um grupo social” (VAN DIJK, 2012b, p. 17). Nesse sentido, o autor traz a ideia de que as ideologias são sociais e compartilhadas por um grupo, podendo estes reivindicar ou promover seus interesses por seus membros específicos de comunidades ideológicas. Além disso, demonstra que as ideologias representam uma das áreas da identidade social, apresentando-se com certa estabilidade, isto é, as ideologias também possuem caráter cíclico, que são responsáveis pelos modelos mentais subjetivos. Estes, por sua vez, baseiam-se nas ideologias para controlar o discurso e as práticas sociais estruturadas

⁷ A teoria da RS nasce na sociologia sob a designação de “representação coletiva” (PINHEIRO, 2004, p. 145), termo cunhado por Durkheim no século XIX. Segundo esse sociólogo, essa noção propõe o pensamento coletivo em detrimento do individual.

por um esquema social, que consiste em um número de categorias que representam cognitivamente a maior dimensão social dos grupos, tais como suas propriedades distintivas, critério de pertencimento, ações típicas, objetivos, normas e valores, grupos de referência e recursos básicos ou interesses. (VAN DIJK, 2012b, p. 19)

Nesse escopo, percebemos que uma ideologia não corresponde a um indivíduo específico, mas também às estruturas sociais das quais esse indivíduo faça parte. Cumpre frisar a esse respeito, que as ideologias “possuem uma estrutura polarizada”. Para análise de um evento comunicativo que envolvem custodiados, por exemplo, é importante entendermos como é fundamentada essa estrutura, uma vez que o discurso do custodiado já pressupõe dois ambientes: dentro e fora da cadeia. Van Dijk (2012b) nos faz notar que a polarização discursiva “pode ser retoricamente melhor quando expressa como um claro contraste, isto é, atribuindo propriedades NOSSAS e DELES que são semanticamente opostas umas das outras”. Em nosso caso, o discurso polarizado é construído pelo próprio grupo de custodiados, pois, são eles que apresentam tendência em construir relações assimétricas discursivas entre eles e a sociedade. Essa polarização discursiva também pode ser observada em virtude de um possível preconceito tácito existente na sociedade em relação a custodiados e a ex-custodiados, o que poderia privá-los de um trabalho remunerado, por exemplo, e isso pode ser notado pelas “atitudes” da sociedade “muitas vezes por não conseguir um emprego” (KARAM, 2015, p. 292; VAN DIJK, 2012b p 31 - 45; 2015, p.57)

Nesse sentido, é possível entender o porquê de van Dijk (2012b) defender a ideia de um quadrado ideológico da polarização discursiva. Assim, cada grupo vai defender suas ideias, seus interesses, em uma divisão entre *Nós* e *Eles* em uma relação de poder. No discurso do custodiado, observa-se um modelo mental sempre voltado para a ideia do nós (custodiados) e eles (o meio social). Por isso, podemos notar que há uma polarização discursiva entre esses dois grupos.

O contexto sociocognitivo do discurso do custodiado

Analisar o discurso do custodiado pressupõe conhecer suas ideologias que, para van Dijk (2012a, p17) “são a base axiomática das representações sociais de um grupo através de atitudes sociais específicas e de modelos pessoais, controlam os discursos individuais e outras práticas sociais dos membros do grupo” (VAN DIJK,

2012b, p.21). Isso implica dizer que “as escolhas lexicais e os discursos subjacentes observados nos discursos dos custodiados refletem as ideologias desse grupo (BOONE, 2018, p. 78). É nessa perspectiva que a especificidade do modelo de contexto é notada na abordagem defendida por van Dijk (2012a, p. 34), sendo elementos essenciais ao discurso, pois “representam os aspectos do ambiente comunicativo, e, por consequência, os parâmetros sociais do uso da linguagem [...] para os e pelos participantes”. Isso sugere que uma situação social não advém apenas de experiências atribuídas a um indivíduo, mas de um todo. Assim, ressaltamos que o discurso deve ser compreendido em uma dimensão social, porque “são essencialmente sociais”, ou seja, “não devem ser confundidos com opiniões pessoais”. Dessa forma, não olhamos para o discurso do custodiado de forma isolada, mas observando seu entorno, como por exemplo, o ambiente em que foi coletado o depoimento, de que lugar esse ator social se posiciona, suas interações sociais, entre outros. Para van Dijk (2016) é a interface cognitiva que consegue dar conta de observar as atitudes de um grupo, uma vez que “representam a relação entre grupos sociais e seus membros e as maneiras como [...] expressam opiniões sobre acontecimentos [...] ou grupos” (VAN DIJK, 2016, p. 12 - 15). Esse autor apresenta as categorias de contexto a serem observadas para que um discurso seja compreendido de modo efetivo.

A seguir, apresentamos um quadro com objetivo de didatizar as referidas categorias, mostrando na prática o que será observado para realizar as análises.

Quadro 1 – As categorias para análises defendidas por Van Dijk

Cenário	Tempo, lugar onde nos encontramos
Participantes	Papéis, interações sociais e institucionais
Ações e eventos comunicativos	Influencia a estratégia interacional
Cognição pessoal e social – eu mesmo	Percepção, experiência, ações, pensamentos

Fonte: Elaborado a partir da leitura de van Dijk (2012 a p. 113 - 114).

Assim, percebemos que o modelo de contexto interfere diretamente nas interações discursivas, dando conectividade conceitual à situação comunicativa na qual os atores sociais estão inseridos.

Para este artigo, o pronunciamento discursivo submetido aos dispositivos de análise da ACD foi recolhido do depoimento de um custodiado em sala de aula de uma penitenciária. Esse texto repercute a forma como um ator social sob custódia se posiciona, tendo as condições de produção dessa fala, a sala de aula da prisão, portanto, longe das tensões e possíveis conflitos nas celas. A voz que fala no depoimento se manifesta ora por si mesma, ora pelo grupo de custodiados e, sempre na tentativa de se apresentar de modo positivo. Para van Dijk (2012b), apresentar-se de modo positivo, também consiste em uma ideologia, “porque ela é baseada no esquema positivo do “eu” que define a ideologia de um grupo” (VAN DIJK, 2012b, p.46).

Também, faz-se necessário considerar o fato de que há uma relação de poder entre os custodiados e a instituição prisional, conseqüentemente, o custodiado pode estar sempre suscetível à violência simbólica, que acontece em eventos discursivos, orais e escritos, por parte dos que trabalham em instituições prisionais mas, “sobretudo, dos agentes penitenciários com quem convive diariamente durante o cumprimento da pena” (SANTANA, 2013, p. 204). Por essa razão, o custodiado pode sentir a necessidade de mostrar mudança de comportamento. Além disso, o custodiado mostra desejo de que a sociedade o veja com menos estigmas.

A representação social do custodiado: breves reflexões

A penitenciária é um local designado para que indivíduos sentenciados por ordenamento jurídico cumpram suas penas, ou seja, sua dívida social, em decorrência de terem cometido algum delito, que resultou em infração a um dos artigos do Código Penal Brasileiro. Conforme dito na introdução, o material para esta análise foi coletado em uma determinada penitenciária com um custodiado em sala de aula, o qual nos concedeu um depoimento.

Abaixo, no quadro 2, segue a declaração do custodiado transcrita fidedignamente ao que lhe foi perguntado no que tange à convivência, às expectativas trazidas em decorrência da escola na prisão, sobre direitos e deveres, bem como a linguagem do custodiado quanto ao uso de gírias.

Quadro 2 – A declaração do custodiado

O custodiado responde que está preso há “aproximadamente dois anos” e que “enfrentamos algumas dificuldades, uma delas é que o preso que estuda no horário matutino não tem o banho de sol reposto, que acontece no mesmo horário, a maneira de retirada do interno para ser encaminhado para a escola também é uma dificuldade para o aluno, mas o desenvolvimento entre alunos e professores é de muita qualidade, o que torna a rotina boa e produtiva” [sic]. “Procuró sempre conviver bem, tanto com os outros internos com os servidores públicos e com todos os profissionais que aqui trabalham. É uma grande oportunidade de crescer, como cidadão, por ser inserido no mercado de trabalho, e amadurecer em sabedoria e etc.”

Questionado sobre as expectativas trazidas pelos estudos, responde que “o estudo trouxe para nós novas expectativas, as vezes por falta de informação, pessoas não conseguem visualizar, tantas oportunidades e variações de escolhas no mercado de trabalho, hoje eu sei que se eu fizer um curso que almejo, poderei ter chance de trabalhar na área em que gostaria” [sic]. O custodiado ainda diz que está fora da escola há “uns 10 anos” e que “a sensação de está correndo atrás do tempo perdido, de não sai daqui da mesma forma que entrei” [sic].

Questionado sobre o uso das “gírias de cadeia” fora do ambiente prisional, ele diz que “não” as usa, e acrescenta dizendo “eu procuró sempre colaborar para que essa realidade possa mudar, pois fora da unidade prisional, essas gírias não são cabíveis em um outro ambiente social e acredito que o crescimento como pessoa deve começar daqui de dentro” [sic].

O custodiado fala sobre direitos e deveres e diz que os vê “de uma forma positiva, e vejo que para um bem estar de todos são essenciais”. O custodiado ainda diz que após o cumprimento da pena “o indivíduo terá uma nova chance de fazer outras escolhas de vida, ele escolherá suas rotinas, terá a oportunidade de se qualificar e entrar no mercado de trabalho e em questão familiar também não vejo dificuldades” [sic], e “a educação é uma das coisas boas que consigo enxergar aqui na prisão em meio as dificuldades enfrentadas aqui fazem a pessoa dar mais valoras oportunidades, família e ao próprio caráter, a dificuldade aproxima o interno da espiritualidade, pois ele tem que crer ou acreditar em alguma coisa, que vai até dar forças a até mesmo te ajudar a superar dificuldades e às vezes encontramos essa ajuda em Deus” [sic].

Fonte: depoimento do custodiado.

No depoimento em questão é possível reconhecer as categorias da abordagem sociocognitiva de contexto de van Dijk (2012a). Para isso, adaptamos, com base em Tomazi e Cabral (2017) um quadro, no qual foram privilegiadas as referidas categorias, levando em conta o âmbito educacional no presídio, ou seja, local onde se deu o evento comunicativo para análise.

Na sequência, mostramos com detalhes as estruturas contextuais em que ocorreram nossas observações, ou seja, o lugar, os envolvidos, a situação jurídica do entrevistado, suas ideologias, em suma, os pormenores para melhor entendimento do leitor.

Quadro 3 – As categorias da abordagem sociocognitiva da ACD e suas estruturas contextuais

CATEGORIAS DA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DE ACD (VAN DIJK 2012a)	
Estruturas contextuais	
Cenário	Uma penitenciária O espaço escolar da penitenciária onde ocorreu o depoimento.
Participantes	Entrevistador – entrevistado/custodiado Professor - pesquisador
<i>Eu-mesmo</i>	Custodiado – cumpre uma ou mais penas, participa das aulas, concedeu o depoimento
Ações e eventos comunicativos	Ação penal - recebeu a sentença condenatória em virtude de um ou mais artigos infringidos do Código Penal Brasileiro. Eventos comunicativos – aula no sistema educacional prisional e entrevista
Cognição (pessoal e social)	Conhecimento (base comum) - reconhecimento do crime, a escola traz perspectivas. Atitudes e ideologias – Procura ter boa convivência, a escola e a família são símbolos emancipatórios, a fé cristã. Sociedade – alimenta estereótipos a custodiados e aos egressos custodiados.

Fonte: Quadro elaborado por Boone (2018, p.102) adaptado a partir da leitura de Tomazi e Cabral (2017) e Van Dijk (2012a, p. 113 – 114).

A construção desse quadro é importante porque estabelece as categorias que constituem os modelos de contexto, pois, é a partir delas que os participantes (alunos-custodiados) acionam seus modelos de contexto e, assim, torna-se possível identificar quais são os fatores do evento em que ocorre a comunicação. Faz-se necessário lembrar que os modelos de contexto são construídos a partir de nossas experiências, sejam elas vividas pelo nosso corpo, pelas nossas percepções, emoções, isto é, pelo que acontece conosco no dia a dia (VAN DIJK, 2001).

Em uma primeira leitura, observamos que todo o depoimento é marcado por discursos que revelam um modelo mental do eu-mesmo alicerçado em desejos de ter uma vida diferente da que levava antes de estar sob custódia, conforme dito “não sai daqui da mesma forma que entrei” [*sic*]. Nesse momento já é perceptível que o custodiado começa a construir a sua representação social positiva apoiado na visão de que a escola faz emergir muitas “coisas boas”, isto é, oportunidade de aprendizado, chance de trabalho, crescimento como cidadão, ou seja, como fator de possível reinserção social.

No início do depoimento, o eu-mesmo já mostra situações vivenciadas no ambiente escolar. Isso nos reporta ao que van Dijk (2012a, p. 113) chama de ambiente, isto é, o local onde se dá o evento comunicativo, que, em nosso caso, é o espaço escolar de uma penitenciária. Na categoria participante, o envolvido no evento discursivo é o custodiado e este, protagoniza o discurso.

Muitas das expressões observadas no depoimento projetam progressões e estão sempre assinaladas pela presença da polarização discursiva, por meio de elementos *dêiticos* “aqui”, “daqui de dentro”, o que deixa subentendido o “lá”, isto é, o meio social externo à prisão. Essa representação é percebida por meio do léxico, uma vez ser notório que há realce em palavras que apontam aspectos positivos tanto dos custodiados quanto da sociedade e vice-versa.

Ainda no início é perceptível marcas de uma ambivalência: por um lado, o custodiado está sendo conduzido para a escola, local de ressocialização, de tentativa de formar cidadãos aptos para retorno ao convívio social; por outro, nesse mesmo procedimento, ele fala da “‘maneira’ de retirada do interno para ser encaminhado para a escola”, ficando implícito um possível procedimento não ético ou não respeitoso por parte daqueles que trabalham diretamente com custodiados, o que já pode se pressupor preconceito da sociedade refletido nas atitudes de profissionais que deveriam ser orientados pelo que postula a Lei de Execuções Penais 7 210, a LEP⁸.

⁸ **LEI 7.210 de julho de 1984. Essa Lei trata da assistência educacional aos presos nos artigos 10, 17 a 21 e no art. 41, inciso VII.** Art. 6º. Programa **individualizador** da pena privativa de liberdade. Art. 10. A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando **prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade**; Art. 17. A assistência **educacional** compreenderá a **instrução escolar** e a formação profissional do preso e do internado; Art. 41 - Constituem direitos do preso: VII - assistência material, à saúde, jurídica, **educacional**, social e religiosa. (Destques em negrito nossos)

Em seguida, ele se apropria da voz coletiva para relatar “enfrentamos algumas dificuldades na cadeia” e cita que “uma delas é que o preso que estuda no horário matutino não tem o banho de sol repostado, que acontece no mesmo horário”. Van Dijk (2012b) afirma que essa estratégia de reprodução discursiva também revela as ideologias que ao falar de “uma forma mais coletiva, o orador enfatiza as características positivas do seu próprio grupo”, baseando-se “no esquema positivo do ‘eu’ que define a ideologia de um grupo” (VAN DIJK, 2012b, p.45 e 46).

No excerto proferido pelo custodiado, entendemos que ele novamente apropria-se do ambiente escolar para continuar construindo uma autoapresentação positiva ao enfatizar “o preso que estuda”. Observamos o sentido restrito ao grupo pela subordinada adjetiva, reforçando assim, a construção desse sentido, embora esse processo sintático possa não ter sido redigido de modo proposital, isto é, com vistas a restringir somente ao preso que “estuda”; contudo, para fins de análise, essas observações ganham relevância, pois, mesmo não havendo a intenção de serem mostradas, por meio da sintaxe, parece-nos que era, de fato, essa a intenção comunicativa do custodiado. Posto isso, percebe-se a autoapresentação positiva sendo construída, na medida em que o custodiado vai mostrando que, apenas o grupo que frequenta a escola não tem o “privilegio” de tomar o banho de sol, pois no momento em que acontece essa “recreação”, o grupo optou por estudar, mesmo sendo o banho de sol algo importante para sua saúde física e psicológica. Além disso, percebe-se que existe a polarização discursiva entre o próprio grupo de custodiados: os que estudam e os que não estudam, para com isso, construir sua autoapresentação positiva, o custodiado procura se distinguir do próprio grupo, evidenciando atitudes que possam mostrar mudanças. Outra observação seria em relação a escolha do verbo “enfrentar”, em “enfrentamos algumas dificuldades na cadeia”, em vez de “passar”, por exemplo. Essa escolha lexical nos chama a atenção pela força semântica, dando a ideia de uma “luta” diária, isto é, além do cumprimento da pena, ainda existiriam adversidades no dia a dia.

No fragmento “o estudo trouxe para nós novas expectativas”, o custodiado retoma, novamente, a voz grupal para mostrar a intenção de promover positivamente o grupo do qual faz parte. Com efeito, o apagamento do eu substituído pela voz coletiva tem o intuito de fortalecer e legitimar o discurso.

A polarização discursiva também é percebida quando o eu-mesmo fala sobre o uso de gírias: “[...], pois *fora* da unidade prisional, essas gírias não são cabíveis”. Mais uma vez, observamos o uso de advérbio para dizer que, no convívio social seria necessário redimensionar o discurso, desprezando o uso das gírias de cadeia. Dessa forma, a polarização discursiva é percebida pela *déixis* “fora”, ficando subentendido “dentro”. Nota-se que o custodiado revela consciência de que determinados modos de comunicação podem comprometer sua imagem social e, além disso, pode ser também mais uma estratégia de autorrepresentação positiva. Depreende-se ainda, uma velada coesão social pela linguagem, identificando a sociedade como pessoas “melhores instruídas”, com realce no linguajar, considerado “privilegiado”, o que nos remete a referida polarização discursiva. Sobre esse assunto, a atuação como profissional da docência em uma unidade prisional, conseqüentemente, testemunha ocular, oportunizou-me observações, dentre elas a forma de comunicação por meio de gírias. Foi possível constatar que algumas gírias atribuem ao custodiado qualificação ou superioridade na comunidade carcerária, como por exemplo, ser chamado de “ladrão”. Essa gíria não denota tratamento pejorativo no contexto prisional, pelo contrário, mostra certo tipo de prestígio. Essa alteração de sentido é conhecida como “*counter words*” (PRETI, 2010, p. 165), na qual se atribui à palavra um sentido contrário ao que se tem no vocabulário normal, o que vai contribuir para fortalecer o caráter confidencial da gíria de grupo.

Para reforçar a estratégia de o custodiado representar-se de modo positivo, ele mostra também uma ideologia ligada a valores cristãos, ao dizer “as dificuldades enfrentadas aqui [...] aproxima o interno da espiritualidade [...] e às vezes encontramos essa ajuda em Deus” [*sic*]. Destacamos, nesse excerto, outra observação por termos atuado no ambiente prisional: é notório entre os custodiados um discurso voltado para o campo da religião e a maioria deles se converte e passa a se denominar “evangélicos”, o que pode significar para o custodiado, também uma visão mais amena da sociedade em relação a eles. Ainda, em decorrência do trabalho docente no sistema prisional, observamos a assimilação de alguns comportamentos dos custodiados, como por exemplo, a posição das mãos para trás. Na visão de van Dijk (2016) maneiras de comportamentos estão ligadas à multimodalidade que se faz presente no discurso, pois estão “associadas com a situação comunicativa” (VAN DIJK, 2016, p. 12), nesse caso, com as normas da prisão. Isso implica dizer que uma situação comunicativa pode

mostrar um hábito ou costume e revelar uma representação social, sem que haja, propriamente, um discurso. Em virtude disso, um egresso custodiado pode ser reconhecido ou estigmatizado na sociedade pelo costume adquirido como norma. Sobre o costume referente à posição das mãos, parece-nos que tem a finalidade de indicar “humildade”, bem como respeito à unidade prisional na qual o ator social custodiado cumpre pena.

Há que se notar que existe um certo temor no discurso desses atores sociais, pois apresentam ter consciência da segregação que, provavelmente, terão no retorno ao convívio social, após o cumprimento da pena que pode ser “por não ter uma qualificação profissional ideal para a vaga ou por motivos de preconceito” (KARAM, 2015, p. 292). Isso pode resultar no retorno desse indivíduo ao cárcere, o que pode justificar recorrentes índices de reincidências criminais existentes em nosso país, conforme mostrou a pesquisa de Boone (2018), que embora tenha focado em apenas um pequeno grupo, evidenciou mais de 50% de reincidências.

As observações apontadas até aqui, como já dito, ocorreram dentro de uma escola na prisão e, é considerável afirmar o valor que a escolaridade tem em qualquer que seja o âmbito social, visto que proporciona habilidades essenciais ao ser humano: saber ler e escrever que consiste em algo simples, mas ao mesmo tempo, crucial dentro das cadeias. Acerca desse assunto Onofre (2011) corrobora como sendo fundamental, uma vez que a linguagem está relacionada diretamente com a realidade social de cada indivíduo e, para um custodiado, elas representam que eles “podem escrever e ler cartas bilhetes e acompanhar o desenrolar de seus processos criminais [...] até porque quem não sabe pede, e quem pede, deve” (ONOFRE, 2011, p. 281), o que pode acarretar em situações adversas dentro da prisão entre o próprio grupo.

Prosseguimos, apresentando um quadro elaborado por Boone (2018) para mostrar como o custodiado constrói a representação social de seu grupo, da sociedade e da escola na prisão, de acordo com o que foi percebido em nossas análises.

Quadro 4: A representação social do custodiado

DE SI MESMO	DA SOCIEDADE	DO ENSINO NA PRISÃO
<ul style="list-style-type: none"> • O custodiado se vê longe da família. • Cumpre pena por justa causa. • Vive dias bons e ruins. • É possível ter um emprego em decorrência dos estudos. • Tem consciência do preconceito a ex-custodiados. • Constrói, na maioria das vezes, uma autoapresentação positiva. • Mostra-se com forte ideologia cristã. • Deve cumprir normas e procedimentos pré-estabelecidos. • Dividindo espaços pequenos devido à superlotação. • Mora com pessoas com as quais não se tem afinidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • A sociedade possui estigma por conta da condição de ex-presidiário. • Lugar de adequação às estruturas linguísticas e sociais privilegiadas. • Falta de acesso. • Que a sociedade não é capaz de lidar com ex-presidiários. • A sociedade não se mostra consciente quanto a necessidades de políticas públicas educacionais em presídios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fuga da realidade do cárcere. • A escola na cadeia proporciona boas perspectivas como emprego e conclusão do Ensino Médio. • Enaltece a figura do professor. • Revisão de conceitos. • Autoestima para vencer obstáculos. • Convivência pacífica. • Conhecimento. • Dignidade.

Fonte: Quadro elaborado por Boone (adaptado) (2018, p.128)

No quadro, intentamos mostrar, sumariamente, as considerações observadas no discurso do custodiado. No depoimento foi revelado o modo de vida na prisão, bem como suas rotinas e procedimentos. Mostraram-se pacíficos no que diz respeito à convivência, sempre atribuindo ao ambiente escolar. As estruturas linguísticas foram sempre marcas linguístico-discursivas que revelam uma autoapresentação positiva e, acima de tudo, o discurso revelou o desejo de se escolarizar com objetivo de ter um emprego.

Considerações finais

No decorrer das análises foi possível verificar, por meio das estruturas subjacentes presentes no discurso, que este constitui um campo extenso e privilegiado para argumentar e expor pontos de vista. Ressaltamos o quanto a língua proporciona possibilidades para que um ator social expresse suas inquietações, com finalidade de mostrar ou defender seu modo de pensar. É claro que não podemos esquecer que o espaço social, do qual o indivíduo faça parte, é fator importante para a constituição do discurso. Nesse sentido, o discurso proferido pelo custodiado, em ambiente escolar, projeta suas crenças, suas opiniões que, para van Dijk (2012b, p.18) “expressam os princípios norteadores que controlam a coerência geral das representações sociais [...]”, ou seja, a forma como esse grupo deseja se mostrar, embora o depoimento analisado esteja na voz de um indivíduo

Partindo dessa perspectiva teórica, entendemos que o discurso do custodiado revela que o ensino na prisão pode trazer perspectivas em relação ao trabalho e a inserção social, após o cumprimento da pena, mas ao mesmo tempo, essa inserção também pode ter caráter segregatório, uma vez ser bastante evidente o preconceito que a sociedade tem em relação a ex-presidiários, conforme verificado em trabalhos como o de Onofre (2011) e Karan (2015), que também debruçaram o olhar para indivíduos sob custódia. O caráter multidisciplinar, o qual o estudo foi submetido, não somente enxerga a superfície textual, mas, sobretudo a prática social-discursiva que mostra os papéis desse grupo perante a sociedade e como a sociedade os vê.

Em síntese, estabelecemos os modos como se dão as representações sociais de custodiados, não apenas para mostrar como identificamos marcas linguístico-discursivas, mas também para analisarmos como esse grupo vê as relações intersubjetivas sobre si, sobre a sociedade e sobre o ensino na penitenciária, bem como as perspectivas futuras para quando sair da prisão.

Em suma, o discurso do custodiado revela expectativas e revisões de conceitos acerca dos procedimentos que o levaram sob custódia. Para construir a representação positiva de si ele interage discursivamente, apoiando-se no ambiente escolar que frequenta diariamente e, ainda, podendo ocultar fatos ou informações que possam comprometer a projeção de sua imagem. Não obstante, é notório que o sistema educacional escolar nas prisões pode consistir em uma alternativa promissora de transformação da realidade social e, conseqüentemente, contribuir para a diminuição do número de reincidências criminais em nosso país. Embora muitos dos que frequentaram a escola possam reincidir, não se pode negar o fato de que a escola consiste em um espaço social fundamental para a formação da cidadania e de respeito aos direitos humanos.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. Tradução de Maria da Glória Novak; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum, São Paulo. Ed. Nacional, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

BOONE, Maruza Brasil. *A representação social nos Discursos de Custodiados em depoimentos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Línguas e Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES. 2018.

BRASIL. *Leis, decretos, etc. Lei de Execução Penal – Nº. 7210, de 11 de julho de 1984*. SP: Saraiva, 1993.

KARAN, Bruno Jaar. *O egresso prisional em situação de rua no Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2015.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. *Educação escolar na prisão: o olhar de alunos e professores*. Jundiaí, Ed. Paco Editorial, 1ª Ed, 2014.

PINHEIRO FILHO, Fernando. *A noção de representação em Durkheim*. Lua Nova, São Paulo. N.61, p. 139 – 155, 2004.

PRETI, Dino. Inclusão e exclusão social pela linguagem: a gíria de grupo. In: BENTES, Anna Cristina; LEITE, Marli Quadros (org). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 159 – 167.

SANTANA, Jackson Francisco. Discurso e poder: uma análise de procedimentos administrativos disciplinares instaurados em unidades prisionais. *Revista Interdisciplinar* (Edição especial ABRALIN), ano VIII, v. 17, p. 201-224, 2013.

TOMAZI, Micheline Mattedi; CABRAL, Ana Lucia Tinoco. Argumentação e estratégias textual-discursivas em uma sentença absolutória: violência machista contra a mulher. *Language and Law/ Linguagem e Direito*, v. 4 (2), 2017, p. 50 – 71.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012a.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Política, Ideologia e Discurso. In Iran Ferreira de Melo. (Org.) *Introdução aos Estudos Críticos do Discurso: Teoria e Prática*. Ed. Pontes, 2012b. p.15 – 50.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e poder*. Trad. De Judith Hoffnagel e Karina Falcone (org.). São Paulo: Contexto, 2015.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. In: *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre, v.9, n. esp. (supl), p. 08-29, 2016.